

AT165 Simpósio: Entre texto e mulheres: o espaço do feminino na literatura.

LITERATURA BRASILEIRA DE ESCRITA (MARGINAL) FEMININA: UMA LEITURA DAS OBRAS DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CAROLINA DE JESUS

Angélica Aparecida Arruda GOMES (UFMS/CPCX)
angelicaarruda202@gmail.com

Marta Francisco de Oliveira (PNPD-PPGMELUFMS/CPCX)
marta.oliveira@ufms.br

Resumo: Este artigo procurará abordar o espaço feminino na literatura brasileira tendo como principal objeto de estudo a primeira obra abolicionista brasileira, o livro *Úrsula* (1859), um dos primeiros romances brasileiros escritos por uma mulher, Maria Firmina dos Reis, afro-descendente e ilegítima, escrevendo em período escravocrata. Comparativamente, a obra de Carolina de Jesus, mulher negra e pobre, estabelecerá um paralelo com o romance de protesto e resistência *Úrsula*, para apresentar outra perspectiva de análise baseada nos contextos histórico, social e cultural de suas produções. À luz de teorias discursivas, bem como da crítica feminista que valoriza a autoria feminina como produção artística e intelectual, ambas podem ser consideradas escritoras marginais e, embora Carolina de Jesus tenha tido mais reconhecimento do público e da crítica, sua condição como mulher pobre e negra, residente em favela, e sua escrita com um olhar descentralizado ainda geram reflexões acerca do lugar social e do valor estético e artístico de grupos marginais. Quanto a Maria Firmina dos Reis, obrigada a suportar rótulos sociais em outro tempo e espaço social e cultural, também emerge como uma voz da margem que não apenas merece como exige ser ouvida, colocando no centro da discussão estética produção feminina. Ademais, o trabalho versará sobre a importância de resgatar estes textos no contexto escolar, propondo sua leitura e reflexão crítica.

Palavras-chave: literatura feminina; margem; Carolina de Jesus; Maria Firmina dos Reis.

AT165 Simposium: Between text and women: the spaces of the feminine in literature.

Brazilian literature of female (marginal) writing: a reading of the works by Maria Firmina dos Reis and Carolina de Jesus.

Abstract: This article will seek to approach the female space within Brazilian literature having as main study object the first Brazilian abolitionist work, the book *Ursula* (1859), one of the first Brazilian novels ever wrote by a woman, Maria Firmina dos Reis, african descendant and bastard, writing during enslaving times. Comparatively, the work by Carolina de Jesus, a poor black woman, will stablish a parallel with the novel of protest and resistance *Ursula*, to present another perspective of analysis based on the historical, social and cultural contexts of their works. At the discursive theories light, as well as the feminist critics that value the female authorship as an artistic and intelectual production, both of them may be considered marginalized authors and, although Carolina de Jesus had more public and critics acknowledgement, her condition as a poor black woman, favela resident, and her writing with a decentralized look still generate reflections over her social status and the aesthetic and artistic value of marginalized groups. As of Maria Firmina dos Reis, obliged to stand social labels on another time and social and cultural space, also emerges as a voice of the margin that not only deserves but also demands to be heard, placing on the center of aesthetic discussion female production. Moreover, the work will traverse over the importance of rescuing these texts on scholar context, proposing their reading and critical thinking.

Keywords: female literature; margin; Carolina de Jesus; Maria Firmina dos Reis.

Introdução

Este trabalho é um dos primeiros intentos de reflexão acadêmica acerca do ponto de vista mais destacadamente histórico da literatura brasileira de escrita marginal feminina. Para traçar um perfil inicial do trabalho que pretendemos desenvolver, considerando o espaço feminino na literatura brasileira, nosso foco de pesquisa se volta para as escritoras Maria Firmina dos Reis e Carolina de Jesus. De fato, a história recente a resgata Maria Firmina como sendo a escritora da primeira obra abolicionista brasileira, o romance *Úrsula*, de 1859. O valor histórico, cultural e literário da obra reside no fato de ser considerado um dos primeiros romances brasileiros de autoria feminina, e os aspectos de sua vida e condições de escrita destacam ainda mais tal valor. Por outro lado, a escrita temporalmente mais próxima da atualidade, de Carolina de Jesus, enfoca a percepção artística e literária de outra mulher oriunda da margem, adentrando um espaço de escrita aparentemente quase nunca concebido espontaneamente a mulheres. Portanto, quando essas vozes femininas surgem, é relevante pensar acerca de sua produção e recepção, e com mais ênfase quando se tratam de mulheres negras e pouco adequadas às convenções do universo social e cultural dominante na escrita. Deste modo, convém determinarmos os aspectos relevantes acerca destas autoras. Faremos, portanto, uma breve biografia.

O primeiro passo desta pesquisa é estabelecer, academicamente, quem são as autoras e alguns aspectos do contexto de seus trabalhos, iniciando a análise para determinar sua importância na relação mulheres/ literatura/ margem, em trabalhos futuros.

1. Maria Firmina dos Reis, nossa primeira autora

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís- Maranhão, no dia 11 de março de 1822, mas seu batismo ocorreu apenas no dia 21 de dezembro de 1825. Filha de Leonor Felippa dos Reis, segundo Dilercy Aragão Adler (2017). Em seu documento, o nome de seu pai está ausente, o que deixa na condição de bastarda. Aos cinco anos ficou órfã, e foi morar com sua tia materna, na vila de São José de Guimarães, no município de Viamão. Sua estadia ali foi crucial para sua formação, pois lhe possibilitou ingressar na escola e ter formação

acadêmica. De fato, com o tempo tornou-se professora e exerceu por muitos anos o magistério, recebendo, inclusive, o título de “Mestra Régia”. (MORAIS) Com 25 anos, venceu o concurso público para a cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães- MA, conforme registra seu biógrafo Nascimento Morais Filho (1975). Segundo Morais, Firmina, ao se aposentar, por volta de 1880, fundou em Maçaricó- MA, a primeira escola mista e gratuita no estado. Porém, como houve grande repercussão negativa na época, foi obrigada a suspender as atividades depois de apenas dois anos e meio de fundação.

Quanto à sua vida literária, Pereira (2018) descreve que como em 1859 Maria Firmina publicou seu primeiro romance, *Úrsula*, e entre 1861 e 1862 publicou o segundo, *Gupeva*; também em 1861 publicou poemas em *Parnaso maranhense*, e mais, tarde, em 1871, com *Cantos à beira- mar*. Ademias, afirma Pereira, a produção ficcional da escritora abarca

Grande número de outros poemas publicados de forma esparsa, mas contínua, em diferentes espaços editoriais do século XIX, como nos periódicos *O Domingo* e *O País*. A pluralidade das produções atesta a diversidade da obra da escritora, da qual o maior exemplo é o conto *A Escrava*, publicado na *Revista Maranhense* em março de 1887. Destaca-se, ainda, sua contribuição na relação entre poesia e música, sobretudo na dicção irônica em *Hino à liberdade dos escravos* e em *Auto de bumba-meu-boi*, nos quais a autora expõe a complexidade das relações interpessoais que conduz à diversidade da cultura brasileira (REIS, 2018, p. 8)

Apesar desta ligação com as letras e o ensino, como autora parece que, de modo geral, não teve muito destaque pela crítica especializada ao longo dos anos, e pouca relevância no cenário das letras brasileiras, como que sofrendo certo apagamento. A obra desta escritora maranhense foi reeditada e passou a ser divulgada em 2018 pelas Edições Câmara, da Câmara dos Deputados, na série *Prazer de ler*. É nesta obra que podemos encontrar as considerações de Pereira sobre Firmina e seus textos.

Na apresentação, é destacado como seu texto foi “ignorado por mais de um século e continua pouco conhecido apesar das tentativas de resgate realizadas a partir de 1970”. (REIS, 2018, p. 6) A mesma apresentação descreve que “Maria Firmina foi uma voz profundamente legítima e dissonante que não encontrou acolhida e reconhecimento em seu tempo” (REIS, 2018, p. 6); porém,

sua reedição e distribuição se justificam, pois “ longe de fracassar, essa voz ressoa hoje cheia de significado, recriminando males que ainda assombram e permeiam nossa sociedade. “(REIS, 2018, p.6). Por ocasião do 100º aniversário de sua morte, em 2017, esforços para a reedição de suas obras alcançaram êxito, e agora temos acesso fácil a elas.

2. Carolina Maria de Jesus, nossa segunda autora

Na biografia de Carolina de Jesus, Dilva Frazão (2019) nos conta que, a autora nasceu no dia 14 de março de 1914, em Sacramento interior de Minas Gerais, e na infância morava com sua mãe e mais sete irmãos. Era neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta. Carolina aos sete anos ingressou no colégio Alan Kardec, cursando a primeira e a segunda série do fundamental, com o incentivo e ajuda de uma das freguesas de sua mãe, Maria Leite Monteiro de Barros. Estes poucos anos foram fundamentais para despertar sua curiosidade e, mais tarde, direcioná-la para a leitura e a escrita. No entanto, algumas mudanças ocorreram na busca da família por trabalho. Assim, por volta de 1930, encontra-se em Franca, SP, onde Carolina trabalhou como lavradora e, em seguida, como empregada doméstica.

No ano de 1941, Carolina leva um poema que escreveu para Getulio Vargas, para a redação do jornal *Folha da Manhã*, publicado com sua foto no dia 24 de fevereiro deste ano. Como passa a levar regularmente os seus poemas para a redação do jornal, acabou recebendo o apelido de “A Poetisa Negra” (FRAZÃO, 2019). O ano de 1948 é outro marco porque foi quando se mudou para uma favela paulista, Canindé, onde logo depois teve três filhos de relacionamentos diferentes, e a partir daí passa a catar papel e objetos recicláveis para vender, para sustentar seus filhos e a si mesma. Neste tempo Carolina de Jesus escreveu regularmente em seu diário, exercitando sua escrita, e apresentando seu próprio olhar acerca da vida naquela comunidade.

Quando o repórter Audálio Dantas foi designado a fazer uma reportagem sobre a favela Canindé no ano de 1958, pelo jornal *Folha da Noite*, acidentalmente acabou visitando a casa de Carolina de Jesus. Aproveitando a oportunidade, esta mostrou seu Diário para o repórter, quem este se

surpreendeu com o que leu e desejou trazê-lo a público. Foi a partir de então que a escritora ganhou visibilidade. Uma parte de seu diário foi publicada por Audálio Dantas, no dia 19 de maio de 1958, recebendo vários elogios. Em 1959, trechos de seu diário foram publicados na revista *O Cruzeiro*. Somente em 1960 *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* com edição de Audálio Dantas foi publicado, com triagem de 10 mil exemplares. Na noite de autógrafos foram vendidos cerca de 600 livros, um êxito para a época, e a confirmação sobre o valor da obra e da escrita. Tal sucesso possibilitou a Carolina e seus filhos deixar a favela e ir morar em casa própria no Alto de Santana, zona norte de São Paulo.

Um destaque a fazer é a homenagem recebida da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, nos anos de 1960. Além disso, a autora também foi agraciada, em 1961, com a “Orden Caballero Del Tornillo”, na Argentina, o que mostra que ganhou repercussão também fora do Brasil. Além do Quarto de despejo, vale destacar suas outras publicações: *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961); *Pedaços da Fome* (1963); e *Provérbios* (1965).

Porém, a autora não se beneficiou com o sucesso e logo voltou à condição de catadora de papel, e em 1969 mudou-se com seus filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo. Em 1977 Carolina de Jesus morreu em São Paulo.

3. *Úrsula e Quarto de despejo*: contextos histórico, cultural e social

A obra *Úrsula e outras obras*, de 2018, resgata a nota publicitária que a própria autora, Maria Firmina dos Reis, escreveu e publicou no jornal *A Imprensa*, em 18 de fevereiro de 1860, sobre *Úrsula*:

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estréia de uma talentosa maranhense merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos prova de seu talento (REIS, 2018, p. 7)

Faremos, agora, algumas considerações acerca do contexto de criação da obra de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859).

Na época oitocentista o Brasil se encontrava em um período escravocrata, onde africanos, afro-descendentes eram considerados como indigentes e

selvagens na sociedade. Essa mesma época se rotulou o feminino como inferior ao masculino, tanto na política como nos aspectos social, econômico e na educação (abrangendo também a literatura), sendo pouquíssimas as mulheres puderam atuar nesse meio. Maria Firmina trabalhou na educação e começou sua produção literária com um tema importante: a questão abolicionista. *Úrsula*, seu primeiro romance, de 1859, foi considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro (REIS, 2018).

Por outro lado, é importante mencionar que espaço feminino na literatura foi sendo conquistado junto com as demais lutas feministas para que se houvesse uma maior participação nesse meio completamente masculino. Assim como confirma Eleuza Diana Almeida Tavares no artigo “Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX,

A luta pela conquista do espaço feminino no século XIX deu-se em duas frentes: a primeira estava relacionada à necessidade de instrução das mulheres; a segunda com a utilização da escrita para falar por si. Essa última necessidade via-se atrelada ao fato de que já havia um discurso masculino que falava pela mulher antes mesma que ela o fizesse. (TAVARES, 2007, p.2).

Ou seja, o espaço para o feminino em geral estava na escrita *sobre*, no texto escrito por homens, uma voz mediada que não reflete o universo feminino desde dentro. As obras de autoria masculina são canônicas, de reconhecido valor literário, mas com a voz e visão construídos a partir de um homem. Também podemos destacar que o público feminino letrado aparece no horizonte de perspectiva destes autores, o que determina o gênero como receptor, mas não produtor de arte e literatura de grande expressão.

Sob muitos aspectos, quando era possível a mulher romper essa dominação e alguma mulher exercer o poder da fala como escritora, ainda deveria passar pelo crivo da avaliação masculina, dominante na sociedade. Afinal no século XIX, as funções de uma mulher eram basicamente deveres do lar, e nisso se baseava sua instrução. Com a ausência do real cultivo da mente, persistia uma visão de inferioridade feminina para a área literária. Como Norma Telles destaca:

No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto

filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora do seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que a definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade. (TELLES, 1997, p. 408).

A própria Maria Firmina mostrou sua consciência dessa depreciação possível de seu trabalho, mostrando que o “indiferentismo glacial” ou o “riso mofador” (REIS, 2018, p. 12) poderia ser o resultado da leitura. Reconhece, ademais, saber

que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p. 12).

Assim como Maria Firmina, no século XX Carolina de Jesus, autora afro-descendente, também exerceu a escrita e obteve destaque com seu texto, inscrevendo-se entre as mulheres que, já nesta época, estavam inseridas no ambiente literário, como Clarice Lispector (há, inclusive, uma foto emblemática desse encontro, por ocasião do lançamento do livro). No entanto, sua forma de escritura difere do ficcional, pois produziu um diário contando como era a sua vivência em uma favela, local marginalizado, e dando seu enfoque, com certo lirismo, acerca das relações que ali se estabeleciam.

Apesar do número expressivo de mulheres escritoras, Carolina de Jesus surgiu rompendo padrões, por sua condição social e cultural. Pertencia a um grupo que não tinha facilidade para desenvolver os estudos regulares e tampouco entrar na academia e no circuito mais formal, intelectual.

Embora haja muito mais a ser dito, encerramos estas considerações localizando as escritoras mencionadas no espaço marginal das letras. Ambas ocupam esse lugar pelo viés de sua condição social, econômica e cultural, mas sobretudo se destaca sua condição de mulheres, negras, o que de modo quase automático promovia sua exclusão. Do ponto de vista literário, outra luta precisava ser travada para adentrar o espaço que se restringia ao outro, como diz Regina Delcastagnè (2012): “a necessidade de justificar a qualidade estética da obra”. Este trabalho, ao ser ampliado, buscará contribuir de modo a mostrar o valor e o lugar desta escrita marginal feminina.

Referências Bibliográficas

AFRO-BRASILEIRA, O Portal da Literatura. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado:** literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. v. 2, p. 11-15, 2012.

FRAZÃO, Dilva Guimarães. **Biografia de Carolina de Jesus.** eBiografia.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Paronama da literatura afro- brasileira.** Callaloo Revista de Artes e Letras Afro Americanas e Africanas, Virgínia, Carolina do Norte. v. 18, n. 4, p. 875-880, 1995.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula e outras obras.** Brasília: Edições Câmara, 2018.

TAVARES, Eleuza Diana Almeida. **Literatura e História no Romance Feminino do Brasil no Século XIX:** Úrsula. Monografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2007.

TELLES, Norma A. **Encantações:** Escritoras e Imaginação Literária no Brasil no Século XIX. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1987